

UM ESTUDO SOBRE A LITERATURA GÓTICA E A OBRA FRANKENSTEIN DE MARY SHELLEY

Paula Fabiana Melo Cardoso¹

Elaine do Nascimento Sousa²

RESUMO

O presente trabalho consiste em fazer um estudo acerca da literatura gótica, distinguindo suas características e reconhecendo-as dentro da obra Frankenstein de Mary Shelley, a qual foi primeiramente publicada em 1818. Esse trabalho também se propõe a apresentar uma síntese sobre a vida da autora e as influências que a mesma sofreu refletindo em sua escrita. Este tipo de literatura, que nasceu junto com o romantismo, expõe diversos autores que se tornaram conhecidos ao longo dos anos, sendo que alguns destes serão citados no presente trabalho. Muitos desses escritos mostravam o culto à natureza e o paralelismo existente entre o bem e o mal, tornando estas, talvez, características marcantes da obra e desse estilo literário. Com o escopo de alcançar os objetivos elucidados no presente trabalho, a metodologia aqui utilizada exteriorizar-se-á através de abordagens qualitativas e com isso será citado alguns estudiosos que serviram como base para o presente estudo como Chianca, Schmidt, Shelley, dentre outros.

Palavras-Chave: Frankenstein. Literatura gótica. Sociedade.

ABSTRACT

This article aims to study over the gothic literature, and the book Frankenstein by Mary Shelley, published in 1818. This work also proposes to present a synthesis on the author's life and her influences. This literature, which was born along with Romanticism, exposes several authors, and we mentioned some of these authors in the present work. Many of these writings showed the cult of nature and the parallelism between good and evil. To achieve the objectives, a qualitative research was approached and it was based on theorists as Chianca, Schmidt, Shelley, among others.

Keyword: Frankenstein. Gothic Literature. Society

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Letras/Inglês – Universidade Estadual do Piauí – UESPI – Campus Professora Alexandre Alves de Oliveira. fabianapar@hotmail.com

² Graduada em Licenciatura Plena em Letras/Inglês – Universidade Estadual do Piauí – UESPI – Campus Professora Alexandre Alves de Oliveira, especialista em Língua Inglesa e Docência do Ensino Superior. elainenascimentosousa@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Antes de abordar o tema em foco, Mary Shelley e a obra Frankenstein, é de extrema importância esclarecer alguns pontos sobre a obra Frankenstein, primeiramente e quiçá a mais importante é que Frankenstein não é o nome da criatura, mas sim o do criador, o jovem estudante Victor Frankenstein. A citada criatura não tem nome, durante a história contada nas páginas do livro, ela é chamada de monstro, ou outros termos do gênero. Devido a este conflito, nesta pesquisa o mesmo será limitado a ser chamado por criatura, assim o leitor estará livre para criar a sua própria percepção.

O livro também chamado de O Moderno Prometeu remete a uma comparação com a história de Prometeu, que roubou o fogo de Zeus e deu à humanidade, tornando-o parecido com Frankenstein que quer descobrir o sentido da vida e compartilhar com a humanidade, mas ambos recebem seu castigo por seus feitos, o primeiro terá seu fígado comido por um abutre todos os dias e o segundo será atormentado pela sua própria criação.

Outro aspecto importante a ser considerado é que a literatura gótica nasceu com o romantismo, no início no século XVIII, tendo como características elevar a natureza, sustentar tanto o bem quanto o mal, bem como outras características como o sentimento nacionalista, dentre outras.

Para que este trabalho fosse desenvolvido, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, colaborada com vários autores renomeados acerca do tema, como Chianca, Ferreira, Shelley dentre outros, buscando responder as indagações feitas na proposta do trabalho, bem como levantar informações relevantes acerca do mesmo, optando por uma abordagem qualitativa.

1 LITERATURA GÓTICA NA OBRA FRANKENSTEIN

Este trabalho aqui estudado aborda sobre a obra Frankenstein de Mary Shelley classificada como gótica, ou também chamada de literatura de horror, que teve seu engrandecimento no romantismo, sendo caracterizada na enciclopédia Barsa (1987, p. 181) “[...] por provocar no leitor, através de recursos imaginativos, a tendência a admitir o ‘incrível’, levando-o a aderir emocionalmente à atmosfera sobrenatural ou de expectativa ansiosa que lhe é sugerida”.

Braz (2014, p. 100) nos diz que “[...] a expressão **gótico**, em sua vertente etimológica, é proveniente de godos, povo originário da Germânia tido no Ocidente como bárbaros e que, a partir do séc. III, ter-se-iam difundido pela Europa”.

No que concerne à literatura Gótica, Albuquerque e Santana (2018, SITE) diz que

[...] o gótico vincula-se a uma nova modalidade de poesia e prosa de ficção que surge em meados do século XVIII, no contexto do romantismo europeu, quando a cultura romântica vive profundas transformações políticas, econômicas e intelectuais, gerando certo desconforto e inquietação naqueles que buscavam resgatar o patriotismo primitivo, o culto à sensibilidade, à imaginação, à criatividade, ao fantasioso, [...] caracterizada pela inovação, espontaneidade, liberdade de pensamento e de expressão. Uma mistura de racional e emocional, de natural e artificial, de perfeição e imperfeição: a literatura gótica.

Esta, também nos permite dizer que contempla as sombras, o macabro, o obscuro e o sobrenatural de tal forma que envolve o leitor a um mundo de mistério, fantasia, conflito e satisfação, sendo assim incentiva a desvendar outros caminhos e vencer os seus limites (ALBUQUERQUE E SANTANA, 2018, SITE).

Voltando os olhares sobre a obra Frankenstein de Mary Shelley, foi primeiramente publicada em 1818, sendo considerada um dos maiores romances gótico do mundo. Na segunda metade do século XVIII o estilo romântico era o auge, os escritores nesse momento falavam sobre a vida, a natureza, intensificando as emoções, logo então veio essa vertente do gênero romanesco. O homem na sua incompreensão do mundo, de como as coisas acontecem na natureza é que fez nascer a necessidade e curiosidade de se escrever sobre esses temas, assim como mostra a literatura gótica.

Outro autor desse tipo de literatura é Lord Byron, um poeta Britânico conhecido por suas obras extravagantes. Vale a pena observar que o romance sustenta tanto a luz quanto as trevas, como tema nas obras, tendo William Blake como desse tipo de literatura (SILVA, 2005). Os autores da época abordavam temas que envolviam cemitérios, ruínas, bem como a morte e a parte espiritual. Com isso eles buscavam instigar a curiosidade do leitor sobre o horrível e repulsivo, fazendo-o gostar do estilo literário.

A literatura tem dado espaço a histórias como a de Frankenstein como uma porta aberta ao diferente, ao descomunal. Esse tipo de texto remete não ao

natural, ou real, mas aos medos organizados na imaginação de cada um, ou seja, uma vasta realidade imaginativa para acreditar em coisas como a morte, por exemplo.

Frankenstein foi a primeira obra classificada como gótica dessa escritora, o que hoje seria chamado de ficção-científica, esta é caracterizada, de acordo com a enciclopédia Barsa (1987, p. 345) como “[...]um estilo em que episódios e personagens quase sempre imaginários, guardam estreita relação com as mais recentes ou futuras conquistas da ciência”.

Nesta obra o personagem chave não tem nome, é citado como monstro, (ou como criatura, demônio, coisa, ser, etc.) logo, não tem uma identidade a qual possa agarrar-se em momento algum na história. Podemos entender que “monstro” é algo de repulsa, que aterroriza ou que amedronta ou “[...] a corporificação do que há de mais sombrio e devastador dentro do ser humano.” (SOARES, 2015, p. 53).

Com relação ao ambiente interno desta obra, assim como característica de toda novela deste tipo, é fechado, escuro, cheirando a carne putrificada que advém das experiências do jovem cientista Victor Frankenstein. O externo são paisagens sombrias, bosques, trazendo o frio gélido, forçando o leitor a pensar que é sempre noite, úmido, chegando até a provocar arrepios no mesmo, assim dificultando o discernimento do leitor em julgar o ambiente em que está.

O romance gótico explora a natureza na sua forma considerada sublime, o que há de mais obscuro no ser humano, contudo, ela não se monta sozinho, ela nasce no inconsciente do leitor, na sua imaginação. A ideia desse tipo de literatura é quando o entusiasmo do leitor é correspondente, ou seja, ambos agem juntos para fazê-la ter um significado. Os sentimentos presentes são extremamente fortes, levando à loucura, ao desespero.

Esse estilo de escrita é tratado como algo que traz repulsa, mas ao mesmo tempo traz a curiosidade sobre o desconhecido, uma característica presente nesta obra, onde pode ser visto que foi a curiosidade que levou Victor a construir a criatura, como a própria fala enfaticamente dizendo que foi construído, não concebido como todo ser humano deveria ser.

O desconhecido seria atraente para este jovem, a sede por aprender levou-o a mexer com química e alquimia até então deixada adormecida, mas o que um dia o atraiu, no fim ele sentiu medo, horror, repulsa pela criatura na qual ele passou anos trabalhando.

Silva (2005, p.197) explora o ser, na obra, relacionando-o como um ser ambíguo quando diz que “A vida brota da natureza e para ela retorna. A mesma natureza que protege dando luz, calor e alimentação também oprime com as trevas, frio e fome.” Logo, a natureza representa o homem nas suas duas faces, o lado bom e o lado mal, característica presente na obra *Frankenstein*.

Assim, a literatura gótica usa uma relação existente entre o homem e seus conflitos, ela entra no lugar mais profundo do ser humano para extrair de lá o que muitas vezes está adormecido, e por um motivo certo, o medo do que pode ser encontrado.

2 A AUTORA E A OBRA FRANKENSTEIN

A obra de Mary Shelley (1818) teve características que fizeram dela uma importante escritora daquela época. Hoje, esta obra é conhecida por crianças e adultos, ainda que a maioria somente tenha assistido aos inúmeros filmes lançados. Silva (2005, p. 210) afirma que “*Frankenstein* é um divisor de águas para a literatura gótica por utilizar a ciência como elemento sobrenatural da trama”.

Esta obra está inserida no século XIX, como um romance de ficção científica, tendo sua origem no Realismo e no Iluminismo, e tinha como propósito narrar fatos que não podiam ser explicados com a racionalidade ou pensamento crítico. “Além de ser considerado um dos primeiros romances gótico-psicológico [...], por preservar uma ambientação exótica à disposição da ciência, é visto também como uma das obras mais instigantes da literatura inglesa desse período” (ARGÔLO, 2012, p. 82).

Ela teve boas influências para iniciar sua escrita, era filha de dois escritores respeitados da época, William Godwin e Mary Wellstonecraft e casada com o escritor Percy Bysshe Shelley, com quem teve uma relação amorosa que denotava o que o romantismo pregava, a intensidade das emoções que estavam inerte na liberdade do homem, o que fez com que ambos fugissem para a Europa e vivessem essa ideologia romântica.

Contudo durante toda a vida Mary Shelley conviveu com situações que lidavam principalmente com a morte, começando por sua mãe, que morreu por conta do seu difícil parto, depois a perda de três filhos e ainda cedo como confirma Silva (2005, p. 206) “Mary Shelley sofreu sua maior perda: Percy Bysshe Shelley morreu

afofado no golfo de Spezia. Viúva aos 24 anos, ela teve que se sustentar através da escrita”. Ainda muito nova ela aprendeu sobre o quão a vida poderia ser difícil, assim já se via uma treva que rondava sua própria vida, o qual seria material essencial para escrever histórias desse tipo. Mesmo ela tenha tendo outros escritos, Frankenstein é sua maior obra.

Sua inspiração para escrever essa obra veio em um verão de 1816 quando Mary Shelley e o marido foram a uma viagem para a Suécia e lá encontraram Lord Byron, e algumas de suas noites passavam juntos contando histórias sobre fantasmas, foi então que Lord Byron propôs que cada um escrevesse uma história fantasmagórica.

Passado vários dias Mary Shelley não tinha ideia sobre o que escreveria, então em outra noite quando todos se reuniram para conversar, Percy Shelley e Lord Byron falavam sobre doutrinas filosóficas, o princípio da vida, os trabalhos de Darwin, com isso surgiu a ideia da história, na qual a Shelley (1994, p.8-9, tradução nossa) descreve,

Quando coloquei minha cabeça no travesseiro, eu não dormia, nem poderia dizer que estava consciente [...] eu vi – com os olhos fechados, mas com uma aguçada visão mental – eu vi um pálido estudante de artes ajoelhar-se ao lado da coisa que ele montava. Eu vi uma horrenda experiência fantasma mostrar sinal de vida e realizar um movimento agitado. Terrível isso deveria ser, extremamente terrível seria o efeito de qualquer humano que se empenhasse em imitar o mecanismo incrível de ser o criador do mundo.

Alguns estudiosos acreditam que sua ideia partiu de um sonho, porém ela indagou que não estava dormindo, mas também não poderia ser dito que ela estava exatamente acordada quando observou que não tinha consciência absoluta. Assim, acredita-se que por conta das conversas com Lord Byron, de suas experiências com perdas foi o que fez surgir a ideia de criar um ser a partir de outros.

Soares (2015, p. 74), lembra que “[...] o romance de Mary Shelley está inserido em uma fase em que os romances góticos de modelos clássicos de início do século dezoito não aqueciam mais os corações dos leitores [...]” e por causa da obra Frankenstein as histórias góticas tomaram outro rumo para discutir problemas característicos do ser humano.

2.1 Síntese da Obra Frankenstein

Sobre a obra, esta tem três narradores, o capitão Walton, Victor Frankenstein e a criatura. A história inicia-se com o Senhor Walton navegando para chegar ao polo norte, momento em que ele encontra uma pessoa em um trenó com cachorros, e este o ajuda, levando-o para seu barco e alimentando-o. Passados alguns dias, este homem, que era o Victor Frankenstein, recobre os sentidos e decide contar a ele o motivo de estar naquela situação, e então é quando ele passa a narrar a história.

Victor e a família moravam em Genebra na Suíça, ele era um dos filhos do Doutor Alphonse Frankenstein e da generosa Caroline, uma mãe cuidadosa, que morreu por conta de uma doença. Desde criança tinha um sentimento forte por Elizabeth, uma garota adotada pelos pais, com a qual logo mais tarde tornaram-se noivos. E na família ainda tinha Justine, filha da empregada, Ernest, e William, o irmão caçula.

Aos treze anos Victor sentiu-se muito atraído pela curiosidade do princípio vital de todas as coisas, foi influenciado por alquimistas que viveram muito antes deles, Cornélio Agrippa, Alberto Magno e Paracelso, este último que acreditava que era possível criar um pequeno ser sem precisar de um ventre materno. Contudo, o que mais lhe intrigava era a lei da natureza que quando um ser morria, ele não voltaria mais.

Logo, ele continuou com suas pesquisas, e aos dezessete anos ele partiu para a universidade de Ingolstadt aprofundando ainda mais seu conhecimento, onde pode ser visto seu êxtase ao falar da aquisição de conhecimento nessa passagem do livro citado por Chianca (2007, p. 21),

Minhas idéias (sic) giravam à medida que o professor Waldman falava. Fui me animando cada vez mais, reunindo forças internas que certamente me levariam a cumprir um grande destino, formando um só pensamento: *Abrirei novos caminhos, revelarei ao mundo os mistérios mais ocultos – isso é o que farei, ou não me chamo Victor Frankenstein!*

Assim, observa-se que a sede de conhecimento tomou grandes proporções, ainda mais quando seu professor de Química, Sr. Waldman foi o impulso que Frankenstein precisava para dar continuidade as suas pesquisas, pois o

ramo que ele mais gostava era a filosofia natural. Ele teve um começo ruim com o professor Krempe, pois este achou as leituras e ideias de Victor todas bobas e inúteis. Com isso ele montou um laboratório no seu apartamento, onde ele passava a maior parte do seu tempo. Ele apenas saía de seu laboratório para pegar corpos de tumbas, ou necrotérios que seriam seu material de estudo. Por falta de tempo, ele não conseguia responder as muitas cartas que chegavam da sua família e do seu melhor amigo, Henry Clerval, e algumas outras ele não chegava a abrir.

Tantos anos de dedicação a sua pesquisa e omissão a família levaram Victor a desvendar o que ele tanto queria, descobrir o princípio da vida. Ele montou uma criatura, mas sua sensação foi ao contrário do que ele imaginava, Chianca (2007, p. 28) confirma que foi

[...]uma catástrofe! Essa foi minha sensação. À medida que iluminava melhor o laboratório, podia contemplar o resultado do meu trabalho. É difícil descrever o meu assombro diante do que havia criado, com extremo carinho, um monstro horrível!

Nisso a criatura vai para a floresta, e lá ele conhece uma família bem pobre, mas com muito amor. Ele fica escondido na casa, observando como eles se relacionam e aprende a ler, enquanto um dos filhos do homem cego ensinava a um parente que lá estava. Junto do casaco que a criatura pegou quando saiu do laboratório tinha o diário de Frankenstein, onde ele anotava todos os passos da sua criação, assim a criatura passa a entender por que ele é diferente de todos os outros e por que causa tanto medo nas pessoas.

Com o passar do tempo, depois de muitas experiências, ele faz uma proposta, que Victor construa uma mulher para ele, este concorda, mas arrepende-se depois. A criatura em fúria decide acompanhá-lo por onde ele andar e fazê-lo sofrer. Assim ela mata as pessoas com quem Frankenstein se importa finalizando por sua amada, Elizabeth.

Victor persegue-o prometendo encontrá-lo e matá-lo, e é quando volta para o início do livro, Sr. Walton e Victor Frankenstein juntos, mas com o jovem estudante já morto depois de relatar suas experiências. Quando a criatura entra no navio e segura seu criador, fala para Robert Walton que seus crimes terminariam com o criador, prometendo desaparecer e montar seu próprio funeral.

Assim, no final do livro o capitão Robert Walton volta a narrar a história, escrevendo cartas para sua irmã. Então ele faz uma reflexão que depois de anos

viajando atrás de um sonho ele e Frankenstein se encontraram para que este pudesse perceber as consequências que teriam um sonho.

3 ANÁLISE SOCIAL E PSICOLÓGICA DA NARRATIVA

Victor Frankenstein, é um “[...] homem oitocentista inglês, cego por conhecimento e por sobrepor sua vontade sobre uma causa maior desconhecida até dele mesmo, sua Criatura [...]” (SOARES, 2015, p. 72). Ele é incapaz de aceitar que a vida termina quando a morte chega e não se satisfaz com a simples resposta de que tudo se acaba desta forma, com isso, cresce, então, o desejo de entender como tudo isso funciona.

Ele decide usar, sem medir as consequências dos seus atos, os ensinamentos que aprendeu para provar que ele pode enganar a morte, assim no ambiente sombrio do seu laboratório ele dá vida a uma criatura, a qual nunca foi nomeada, assim cria-se então nesta criatura o vazio da falta de uma identidade, já que na nossa sociedade para ser alguém é necessário, primeiramente, ter um nome.

Os narradores-personagens desta história focam no que mais desejam, colocam-se como vítimas de toda situação ruim que passaram, tentando sempre justificar suas atitudes, assim levam o leitor a ficar na dúvida, sobre que lado tomar, agindo de acordo com padrões sociais.

Os narradores, exceto a criatura, abriram mão do verdadeiro valor da moral e ética, desprovidos de sentimentos pela família e amigos em busca de um sonho que almejam partilhar com a humanidade em busca de um grande reconhecimento. Vindo, então o castigo por tanta ganância que no caso de Vitor seria ser atormentado pela sua criação.

Jean Jacques Rousseau um importante filósofo Francês do século XVIII dizia, como confirma Schmidt (1999, p. 33) “O homem é bom por natureza, a sociedade é que o corrompe”, diante disso surge o questionamento se foi o meio que influenciou no que a criação de Frankenstein se tornou.

Em diferentes partes da narrativa a criatura se mostra como um ser dotado de bons sentimentos, como quando ele ajuda a família dos De Lacey a juntar a lenha. Contudo começa a nascer um novo sentimento no momento em que seu criador rejeita-a, assim diz Soares (2015, p. 80),

Após ser dotada de vida, a Criatura é rejeitada e abandonada pelo seu criador, Victor Frankenstein, [...] A Criatura é [...] jogada à mercê das relações sociais e continuamente é rejeitada por onde passa e por qualquer um que se ponha diante de sua imagem

Por causa disso, a criatura rejeitada e depressiva, abandonada a própria sorte busca refúgio na floresta, passando a mudar seus pensamentos.

Agora a criatura torna-se vingativa com aquele que a criou, sendo capaz de matar pessoas somente para ver seu criador sofrer apenas por odiá-lo e afirma que não pediu para ser criada e responsabiliza-o. A criatura, na adaptação de Chianca (2007, p. 66), diz que não pode

[...] acreditar na coincidência. De repente, sem saber como encontrá-lo, vejo-me com seu irmão em minhas mãos. Era sangue do meu inimigo, ou do meu criador, ou talvez de mim mesmo. Mas o que importava a ascendência genética àquela altura? Eu tinha em mãos a vingança em carne e osso!

A criatura apresenta os dois lados do homem, o bem e o mal, assim é possível compreender que é o ambiente social agindo sobre o ser, pois por conta de suas características físicas ela proporcionava um sentimento de terror e por isso era desprezada por todos, ia de contra os padrões da sociedade, deixando-a vulnerável a críticas de um ambiente intolerante.

Em muitas passagens da obra observa-se a justificativa por seus atos, onde Chianca (2007, p. 44) reproduz a seguinte frase, sobre a criatura falando para Frankenstein, “[...] eu era bom e minha alma transbordava de amor. Mas a intolerância dos outros me ensinou a odiar. Agora, meu destino está em suas mãos: faça-me feliz e voltarei a ter virtudes”.

No momento em que a criação de Frankenstein lhe pede que crie uma fêmea para ele, já que a rejeição por ela era fato verdadeiro onde quer que ela chegasse, Chianca (2007, p. 69) destaca, “Minha companheira deve ser da mesma espécie e ter os mesmos defeitos e deformações”, assim a criatura vai se sentir aceita, pois seria criada da mesma forma, mostrando a necessidade da sociabilização de qualquer ser vivo. Por mais que Frankenstein tenha dado o direito à vida para essa criatura, tenha construído-a igual a um ser humano, a parte mais difícil estaria na sua socialização, pois ela fugiria de todos os padrões normais de um ser humano, ela seria excluída, assim a revolta da criatura por não ser aceito é o tema chave desta obra.

Outro tema que foi explorado nesta obra foi que na época eram descobertos novos caminhos sobre a eletricidade, assim Mary Shelley utilizou desses conhecimentos para iluminar seu livro dando vida à criatura através da luz, onde Chianca (2007, p. 63) confirma que “Naquele instante em que um raio luminoso me trouxe à vida poderia ter resistido e permanecido no mundo dos mortos”.

A criatura tinha um ódio acumulado pelo criador que forçou-o àquela situação sem ao menos imaginar no sofrimento que causaria à criatura a qual estava criando. Ela vendo-se injustiçada, alimentou um sentimento de vingança pelas pessoas, achando que essa seria a única razão para sua vida, esta deu a si mesmo como razão para viver, o fato de provocar medo, angústia nas pessoas que por ela passavam.

Dessa forma, a sede de conhecimento foi que levou Victor Frankenstein a experimentar do sabor amargo que a vida pode ter, ele mesmo construiu seu futuro quando escolheu largar tudo para concretizar um sonho, pois acreditava que a fonte do conhecimento nunca secava e que sempre pode aprender mais.

Por fim, Mary Shelley em sua obra, abordou sobre um garoto que queria descobrir os princípios da vida, e que acabou se tornando uma das mais famosas e conhecidas obras no mundo. Hoje muitos cientistas estudam sobre como clonar seres vivos, porém, mesmo com todos os recursos necessários para tal façanha seria importante ponderar essa atitude visto que o criador torna-se inteiramente responsável pelo ato que pratica, assim como aconteceu com Victor Frankenstein.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa puderam ser ampliados o conhecimento acerca da literatura gótica e seus escritores bem como sobre a vida e a obra estudada de Mary Shelley. O romance gótico trata o homem como um ser libertador, responsável por suas ações, fazendo-o cogitar sobre a natureza, valores familiares, refletindo o seu lado bom e o mau e fazendo-o ter vontade de descobrir o mundo e transformá-lo a sua melhor forma.

A busca por esse conhecimento descompassadamente foi que levou o personagem Frankenstein a ter o seu castigo como ele mesmo cita no decorrer do livro, compreendendo que recebera seu castigo por ter mexido com a lei natural.

Dessa forma, pode ser compreendido que o ser humano é um ser passivo dos seus desejos, e que se deixa levar por eles, devendo ter consciência das suas reações.

Por fim, perceberam-se muitas das características que a literatura gótica apresenta dentro da obra Frankenstein, fazendo com que o leitor reconheça-as com muita facilidade. Esta obra ainda desafia os limites da ficção e a realidade, continuando como fonte de questionamentos sobre as incoerências da natureza humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Danielle de Fátima Gomes da Costa e SANTANA, Jucileide Maria de. **A Literatura Gótica: uma breve apreciação**. <http://www.arcos.org.br/artigos/a-literatura-gotica-uma-breve-apreciacao/> acesso em 15.06.2018.

ARGÔLO, Sueli de F. Alexandre. **“FRANKENSTEIN”, DE MARY SHELLEY a busca do homem pela perpetuidade da vida**. Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Volume 10 – Agosto de 2012 – ISSN 1982-7717. Disponível em <file:///C:/Users/Elaine/Downloads/5041-17070-1-PB%20(2).pdf> Acesso em out. 2018.

BRAZ, Thiago. **O Passageiro das Trevas: O Antagonismo dos Pecados e a Desigualdade da moral em Frankenstein**. Alumni. v. 2. nº. 4 agosto- dezembro de 2014. Disponível em: < file:///C:/Users/Elaine/ Downloads/ 1761-6172-1-PB.pdf> Acesso em 06 out. 2018.

CHIANCA, Leonardo. **Frankenstein / Mary Shelley**. Adp. Leonardo Chianca. Ilust. Guazzelli. 1 ed. São Paulo: DCL, 2007.

ENCICLOPÉDIA Barsa. Rio de Janeiro – São Paulo: **Encyclopaedia Britannica do Brasil**, 1987. 7 v. 10 v.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. 397 p.

SCHMIDT, Mario Furley. **Nova história crítica**. São Paulo: Nova Geração, 1999.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein or The modern Prometheus**. England: Penguin Popular Classics, 1994.

SILVA, Alexander Meireles da. **Literatura Inglesa para Brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda, 2005, cap.9.

SOARES, Janile Pequeno. **Frankenstein e a Monstruosidade das Intenções: A criatura como representação da condição feminina**. João Pessoa, 2015. Dissertação (Mestrado). Disponível em < <http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2015/04 /DISSERTA%C3%87%C3%83O-JANILEp.pdf>> Acesso em 06 out. 2018.